

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES – DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

ALINE DE CARVALHO ZYDEK SUPERTI

***EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE ARTE:
A atribuição de sentido ao patrimônio através da prática artística***

Porto Alegre
2013

ALINE DE CARVALHO ZYDEK SUPERTI

***EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE ARTE:
A atribuição de sentido ao patrimônio através da prática artística***

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a conclusão de Graduação em Artes Visuais – Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andrea Hofstaetter

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Paola Basso Menna Barreto Gomes
Zordan

Prof.^a Dr.^a Daniela Pinheiro Machado Kern

Porto Alegre
2013

ALINE DE CARVALHO ZYDEK SUPERTI

***EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE ARTE:
A atribuição de sentido ao patrimônio através da prática artística***

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a conclusão de Graduação em Artes Visuais – Licenciatura em Artes Visuais.

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Andrea Hofstaetter

Prof.^a Dr.^a Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan

Prof.^a Dr.^a Daniela Pinheiro Machado Kern

PORTO ALEGRE, 17 DE DEZEMBRO DE 2013.

Agradecimentos

A conclusão desta etapa acadêmica devo a algumas pessoas: a meus pais que estabeleceram um critério em suas vidas, em deixar como legado para mim e meus irmãos o conhecimento. Com eles aprendi que na vida tudo pode ser perdido, menos aquilo que adquirimos através do estudo, com eles aprendi o valor da continuação acadêmica. Em especial, pude contar nesta caminhada com a única pessoa que realmente acreditou em meu potencial, que incentivou e incentiva acima de tudo a continuação de meus estudos: a meu esposo Marcos devo mais do que esta conquista, devo a ele a crença em minha capacidade e o ombro mais do que amigo nas horas de desespero, devo a possibilidade de voltar a continuar a ver e perceber a arte, não apenas com os olhos, mas com todos os sentidos. A ele todo meu amor.

Aos meus professores, a todos aqueles que destinaram suas horas de descanso para aprimorar e incentivar seus pupilos na vida acadêmica, a todos estes que representam a classe de mestres que um dia pretendo ser. Meu muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho teve como proposição refletir sobre possibilidades de trabalhar com educação patrimonial no ensino de artes visuais. A pesquisa abordou o tema Patrimônio Artístico e Cultural com o objetivo de embasar a elaboração do projeto educativo de estágio curricular. O projeto educativo, ligado a esta investigação teve como objetivo a construção de uma significação para o Patrimônio, focando a relação pessoal e a atribuição de sentido. Pretendeu-se, ao trabalhar desta forma, alcançar uma consciência maior sobre o valor deste Patrimônio, tanto pessoalmente, como para a coletividade, elemento indispensável para o exercício da cidadania. A reflexão teórica sobre atribuição de sentido na educação patrimonial, baseou-se nos pensamentos de Maria de Lourdes Parreiras Horta, em Regina Abreu e Márcia Sant'Anna. A pesquisa apoiou-se nos pensamentos de Jacques Le Goff e André Malraux para pensar o papel da memória na construção desta significação. A pesquisa de José Francisco Alves sobre os monumentos públicos da cidade de Porto Alegre, a pesquisa de Pedro Paulo Funari e as publicações do site do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, foram referências para reflexões sobre Patrimônio e Educação Patrimonial.

PALVRAS-CHAVE: Patrimônio artístico e cultural. Educação Patrimonial. Ensino de Arte. Cultura. Atribuição de Sentido

“O homem é, na verdade, o único animal que deixa registros atrás de si, pois é o único animal cujos produtos “chamam à mente” uma ideia que se distingue da existência material destes.” (PANOFSKY – Significado nas artes visuais, p.23)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E PATRIMÔNIO	12
1.1 PATRIMÔNIO: SUA ORIGEM NA EDUCAÇÃO	13
1.2 POLITICAS E INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO E SALVAGUARDA PATRIMONIAL	17
2. CONCEITO DE PATRIMÔNIO MATERIAL E PATRIMÔNIO IMATERIAL.....	19
2.1 A FUNÇÃO DO MONUMENTO COMO OBRA ARTÍSTICA	23
3 OLHAR O PATRIMÔNIO ATRAVÉS DA SIGNIFICAÇÃO PESSOAL.....	25
3.1 O PARQUE MOINHOS DE VENTO: UM PÁTIO PARA A ESCOLA.	28
4 PROJETO PEDAGÓGICO – MEU MONUMENTO, NOSSO PATRIMÔNIO	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	60

INTRODUÇÃO

Pensar a palavra Patrimônio nos remete a significados diversos, como bens materiais, aquisição de fortuna e por consequência obtenção de status. O patrimônio de uma cultura não deixa de ser a constituição de riqueza para uma sociedade. Nossos bens materiais como monumentos, edificações seculares, entre outros, não são apenas heranças de nossos antepassados, mas uma ligação afetiva. E, é nesta ligação que encontramos o patrimônio imaterial, com uma infinidade de ensinamentos deixados por eles impressos no patrimônio material de nossa cultura.

Ao percorrermos os olhos por qualquer cidade, encontramos uma infinidade de monumentos públicos, alguns tombados pelo patrimônio histórico e artístico, outros abandonados em estado de conservação precários. O que pretendo abordar com a imaterialidade do patrimônio artístico na educação patrimonial está ligado ao fato de observarmos a cidade como um grande museu a céu aberto. Um museu que nos conta não apenas a história da construção da cidade, mas a cultura refletida em monumentos públicos.

Uma obra pública não está fundamentada apenas na matéria prima de sua edificação e construção, no material. Mas no significado de suas alegorias que refletem a cultura local no momento de sua edificação. Estes significados acabam por se perder no tempo, sendo substituídos por meros codinomes ou apenas pelo simples esquecimento. A razão da existência destes monumentos, tombados ou não, acaba por passar despercebida pelo observador devido à falta de interesse pessoal em compreender uma obra tão próxima do seu cotidiano, ou também por falta de estímulo cultural, o que transforma a educação patrimonial em uma necessidade fundamental.

A presente pesquisa tem por objetivo relacionar a importância da educação patrimonial como articuladora da relação de significação entre a obra como monumento público e o observador – aluno, assim como também estabelecer uma relação de pertencimento, tanto à obra, que deixa de ser uma decoração

pública e passa a exercer o papel de marco histórico no campo artístico, quanto ao observador – aluno, que passa a exercer o papel de curador deste patrimônio.

O objetivo central desta pesquisa de caráter teórico está baseada na importância da introdução da educação patrimonial como possibilidade de refletir sobre a própria cultura e sobre a história, incluindo aspectos da relação pessoal com o patrimônio. Observei que o estudo do patrimônio nas escolas centra-se normalmente no enfoque sobre alguns elementos da cultura regional ou regionalista¹ e de alguns monumentos históricos, de forma bem restrita. Em Porto Alegre este estudo se restringe a alguns pontos do centro histórico. Não sendo abordada as diversas possibilidades que existem por toda a cidade com a riqueza de elementos culturais e artísticos que estão à disposição e a partir dos quais se poderiam estabelecer aproximações com as vivências e memórias de cada um. Há também uma lacuna na forma de abordagem dos monumentos e obras artísticas em relação ao seu significado estabelecido, muito menos sobre a atribuição de sentido pessoal ao patrimônio.

Um dos pontos centrais dessa pesquisa e do projeto educativo posto em prática no estágio curricular são a aproximação e atribuição de significado a um patrimônio próximo da escola e pouco estudado até então. O estágio ocorreu durante o ano de 2013, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Uruguai, que se localiza no coração do Bairro Moinhos de Vento em Porto Alegre, tendo como pátio de sua edificação o Parque Moinhos de Vento, mais conhecido como Parcão. As atividades foram aplicadas em duas turmas de sétima série, constituídas por alunos de faixa etária de 13 à 15 anos, uma turma com 23 alunos, entre eles 7 meninas e 16 meninos, a outra turma com 21 alunos entre eles 12 meninas e 9 meninos.

No primeiro capítulo pretendo trazer o conhecimento do conceito de patrimônio e educação patrimonial, abordando o surgimento deste conceito como o

¹ Utilizo o termo cultura regional ou regionalista para referir os costumes tradicionalistas da cultura gaúcha. O tradicionalismo e o Nativismo gaúcho surgiram da proposição do resgate cultural em torno dos símbolos formadores de nossa cultura, como as tradições em volta da história regional, como as revoltas e guerras aqui ocorridas, contadas de forma folclórica e heróica.

percebemos hoje e com sua relação no passado. Pretendo enfocar a trajetória do conceito patrimônio no contexto mundial e brasileiro.

Pretendo ressaltar as entidades reguladoras e responsáveis pela catalogação destes patrimônios, com o seu surgimento e sua disposição jurídica que as institui como curadoras de nossas riquezas artísticas e culturais. Pretendo apresentar a educação patrimonial como responsável pela conscientização da preservação dos patrimônios materiais e imateriais.

No segundo capítulo, abordo o conceito de Patrimônio Material e Imaterial de forma a transitar através da história, exemplificando a sua origem cultural. A definição de material aponta na direção do que possa ser palpável e estático. Enquanto que a definição de imaterial nos remete a emoções e atribuição de sentido. E com base no sentimento de pertencimento, pretendo abordar a cultura como ponto de importante relevância na constituição da imaterialidade de uma obra material.

No terceiro e quarto capítulo, apresento uma significação pessoal ao olhar um patrimônio/obra de arte no projeto pedagógico. Através da perspectiva individual atrelada à história na qual a obra se faz, pretendeu-se significar os aspectos da imaterialidade existente na obra material.

Através da apresentação histórica do entorno da escola, formulei uma proposta pedagógica com a finalidade de abordar a educação patrimonial como ponto relevante na formação da cidadania no ensino de artes. Foram desenvolvidas atividades de caráter expressivo, a fruição sobre o patrimônio como obra artística e pretendeu-se proporcionar a experiência pessoal em torno da imaterialidade que a obra representa. Desta forma buscou-se levar o aluno a refletir sobre a sua responsabilidade na preservação de obras artísticas e bens patrimoniais.

Utilizei como base para a construção da metodologia pedagógica do projeto de ensino os Parâmetros Curriculares Nacionais, os Referências Curriculares do Rio Grande, ligados a proposta triangular de Ana Mae Barbosa. Também utilizei os pensamentos de Marly Ribeiro Meira, que aponta como a natureza e a cultura se conectam, construindo um universo simbólico. E neste universo, abordo o

monumento público como obra de arte que sofre a ação da transformação da cidade.

Um dos objetivos desta pesquisa está associado à construção da significação pessoal através da experiência estética, que pode vir ou não, sofrer influência dos aspectos formais da obra. Somos educados de forma a analisar e observar aquilo que produz prazer e beleza, deixando de observar o todo que representa a obra. A partir da imaterialidade presente na mesma, observando o conceito de cultura e pertencimento que habita na obra material, pretendeu-se relacionar a história do local onde a obra/monumento público se encontra com a história e experiências pessoais do observador.

Questionar-se sobre a construção de significados vinculados à função do monumento como obra memorativa - que mantém viva e permanente a memória histórica através da arte, pode levar à preservação do objeto artístico.

Na presente pesquisa, será apresentado o projeto pedagógico aplicado na escola, no qual pretendeu-se relacionar o patrimônio como construtor de um pensamento crítico.

Acredito que a arte quando utilizada como educação, não apenas visual e estética, mas como exercício do olhar sobre o entorno e contexto da obra através da história, expressões e fazeres artísticos, contribui na formação social do indivíduo, valorizando a cultura individual e coletiva na construção de significados que decodifiquem a imaterialidade do objeto artístico.

1 Educação Patrimonial e Patrimônio

A ideia de educação patrimonial surge ligada ao conceito de preservação do patrimônio histórico. Este conceito vem sendo trabalhado desde o século XVIII, atravessando diversas transformações sócio culturais, em âmbito nacional e mundial.

A primeira ação educativa conhecida e que estava voltada para a preservação do patrimônio é reconhecida nas Cartas de Atenas, em 1933, porém a sua denominação como educação patrimonial vem a ocorrer apenas em 1996, conforme Oliveira:

A denominação educação patrimonial aparece somente na Carta internacional do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - ICOMOS sobre proteção e gestão do patrimônio cultural subaquático, de 1996. Até então, eram utilizados apenas os termos “ações” e “programas educativos.” (OLIVEIRA, 2011. P.16)

O termo Educação Patrimonial provém da expressão inglesa *Heritage Education*, que foi introduzido no Brasil pela museóloga Maria de Lourdes Horta. Conforme Cléo Alves Pinto de Oliveira relata, em 1999 Maria de Lourdes lança pelo IPHAN o *Guia Básico de Educação Patrimonial*, sendo este a primeira publicação produzida pelo órgão sobre o tema. (OLIVEIRA. 2011. p. 17)

Neste guia, a introdução da educação patrimonial não apenas em museus ou locais de memória, mas na própria escola, remete à necessidade da experiência. Conforme Maria de Lourdes Horta, “esta experiência tem de ser concreta, não pode ser abstrata, caso contrário, não é experiência, não é vivência”. (BARRETO, 2008. p.17)

Porém, no caso da arte, a experiência criativa origina-se a partir do estímulo artístico, que neste projeto em específico, baseou este estímulo na experiência abstrata gerada pelos diversos significados pertencentes à obra. O monumento artístico como obra de arte pode exercer esta experiência ao indivíduo, mesmo que apenas visual, através da sua forma, estilo e função como obra.

A sua história em volta da obra, não apenas como um objeto, mas como um gerador de significados, constrói uma identidade que exerce a experiência abstrata para o observador. Nesta experiência são registrados a imaterialidade do objeto artístico como patrimônio.

O movimento modernista no Brasil apoiou a necessidade de preservação do patrimônio pela experiência, Ricardo Oriá², em seu artigo Conhecer para preservar, comenta a visão de Mário de Andrade que; “atestava o valor do nosso patrimônio histórico como forma de se construir uma identidade nacional, assentada na pluralidade de nossas raízes e matrizes étnicas.”

Mário de Andrade anteviu a transformação da educação patrimonial em uma proposta interdisciplinar que é amplamente assentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais com temas transversais, como por exemplo a pluralidade cultural. Ele foi autor da primeira proposta de preservação de patrimônio imaterial no Brasil, no projeto que constituiu o atual IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Para SANT’ANNA, (2009. p.54), Mário de Andrade propunha a categoria das artes arqueológicas e ameríndias, onde não apenas os artefatos seriam catalogados e preservados, mas também os vocabulários, a culinária, as lendas indígenas entre outras manifestações culturais.

1.1 Patrimônio: sua origem na educação

A origem do conceito de patrimônio não estabelece apenas o seu significado com o do dicionário, sua interpretação como conceito vai além do seu sentido de ser como palavra. O conceito de patrimônio tem origem na vida

² Artigo. Ricardo Oriá. <http://www.aprendebrasil.com.br/articulistas/articulista0003.asp> acessado em 06/11/2013.

aristocrática romana. Conforme Funari “o patrimônio era um valor aristocrático e privado, referente à transmissão de bens no seio da elite patriarcal romana”. (FUNARI, 2006, p 11)³

Este sentimento de posse durante a Antiguidade Tardia, entre os séculos IV e V, recebe um valor simbólico, associado com a religião. A adoração aos santos e às relíquias sagradas criou a valorização dos lugares, objetos e seus rituais coletivos. A massiva presença e dominância da igreja, com a sua investidura nos monumentos religiosos e suas catedrais, possibilitou a formação de valores sociais compartilhados. O fervor religioso se tornou um destes valores, que constituiu a igreja como força de poder.

As representações cristãs como exemplo das catedrais, eram vistas como patrimônio coletivo no qual criava-se, conforme Funari nos diz, não só o mundo físico mas também o espiritual, fazendo parte da composição cultural deste período e marcando a história posterior.

Mais tarde, com o Renascimento, a busca pela revalorização do humano se opôs ao teocentrismo. O domínio da religião passa a ser abalado pela difusão dos valores humanistas, havendo assim a derrubada e enfraquecimento gradativo, mas não total, do poder da igreja. Esta busca de valores mais próximos da constituição humana, foi sendo realizada pelos artistas renascentistas, através da inspiração na antiguidade grega e romana.

Traziam o clássico como fonte de razão e forma, que através das coleções de objetos antigos e pela leitura de clássicos como; *Ilíada e A Odisséia de Homero*, *A República de Platão*, eram estudados e com o advento da imprensa houve a popularização destas obras.

Com tudo isso, a catalogação passou a ser necessária e assim surgiram os antiquários, com a função de salvaguarda de objetos que continham uma história constituindo sua importância como patrimônio.

³ FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. P.11

Mas foi o surgimento das nações como países que acrescentou ao conceito de patrimônio uma forma de identificação das posses com seus Estados Nacionais.

Conforme Funari discorre em seu livro, o conceito moderno de patrimônio foi desenvolvido a partir da revolução francesa, em 1789, com a criação da república, que objetivava a igualdade refletindo a cidadania. (FUNARI, 2006, p.16)

A república francesa que nascia após 1789, utiliza a criação da escola para difundir os valores e costumes para a população, de forma que a nação francesa criasse uma origem comum a todos tendo como objetivo principal a difusão da língua francesa, que até a data do ano de 1789 era uma língua falada apenas pela elite;

O estado nacional surgiu, portanto, a partir da injeção de um conjunto de cidadãos que deveriam compartilhar uma língua e uma cultura, uma origem e um território. Para isso, foram necessárias políticas educacionais que difundissem, já entre as crianças, a ideia de pertencimento a uma nação. (FUNARI, 2006, p. 16)

Com o surgimento da escola voltada para uma educação não apenas cristã, mas também para a construção cidadã de uma nação, através da difusão da língua, costumes e tradições - mesmo que por interesses políticos - surgiu a configuração da educação patrimonial como grande contribuição para a formação da cidadania e também para o sentimento de pertencimento e preservação local, aquilo que se conhece e com o que se identifica, tende-se a preservar.

Esta ideia de preservação cultural através da escola nos apresenta a educação patrimonial como forma de manutenção da cultura e como uma transmissão de legado. Por simples transformações que esta cultura sofra com o tempo, ela permanecerá como um elo entre as gerações passadas, que transformaram e constituíram uma nação e as gerações futuras, que buscarão inserir seu tempo atual nestas transformações ocorridas.

Tratar o patrimônio na educação abrange um campo de significados extensos que requer passos meticulosos. Estes termos, como palavras em separado, possuem forças de ação específicas. A palavra *patrimônio* é um substantivo masculino de origem latina, *patrimonium*, que vem a ser relativo a tudo o que pertence ao pai.(FUNARI, 2006, p.11) Induz-nos a ideia de pertencimento, posse, bem.

Já a palavra *educação*, um substantivo feminino, também de origem latina, *educatio*, abrange o desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano. É um conceito amplo, que representa o meio pelo qual os hábitos e costumes de uma comunidade são transmitidos.

Estes conceitos educação e patrimônio, se complementam e transportam em si as diversidades culturais contidas em uma sociedade. Esta cultura diversificada constrói uma comunidade, que através do tempo, tende a mudar os seus valores sociais.

O termo patrimônio não adquire importância apenas por ser uma palavra com significados de posse. Esta palavra na área das artes constrói através do estudo sobre os objetos/obras, acompanhado da contextualização histórica, social, cultural e antropológica um elo com o passado cultural da humanidade, desenvolvendo uma interação entre o que somos e o que produzimos.

Esta interação proporciona construir conhecimentos e conceitos históricos sobre a própria arte. Questões estas que a Educação Patrimonial tem por finalidade transmitir, como por exemplo os hábitos, costumes e tradições culturais, através da visualidade artística. Além de desenvolver no indivíduo a conscientização da preservação do patrimônio material de sua sociedade através do seu significado imaterial. Nas artes, a educação patrimonial desenvolve o sentimento de pertencimento à cultura.

A Educação Patrimonial, conforme aponta Evelina Grunberg, vem a ser o processo permanente e sistemático de trabalho educativo, que tem como ponto de partida e centro o Patrimônio Cultural com todas suas manifestações. (GRUNBERG, 2007, p.03).

Estas manifestações culturais estão associadas às danças, às músicas, às artes, aos museus e às escolas, presentes nas praças e igrejas. O modo de fazer, praticar e construir a nossa própria significação da cultura.

Toda cultura, seja isolada ou difundida, é constituída por manifestações artísticas que consistem em; fazeres, modos e costumes próprios, a estas chamamos de patrimônio imaterial. Este modo de produzir uma arte que constrói bens materiais, nos aponta, portanto o patrimônio material.

1.2 Políticas e instrumentos de proteção e salvaguarda patrimonial

Apesar das iniciativas de salvaguarda do patrimônio histórico e artístico terem sido alavancadas no século XVIII, conforme Márcia Sant'Anna afirma, a França foi um dos primeiros países a constituir uma legislação em 1830, através da Inspeção dos Monumentos Históricos para salvaguarda o patrimônio.

Até o início do século XX, apenas faziam o recenseamento e inventários. Em 1913 é legislada uma lei semelhante à do nosso tombamento, conhecida como *classement*:

...declara o bem patrimonial nacional e estabelece regras que impedem sua alteração, mutilação ou destruição. Essa lei codificou uma prática de proteção do patrimônio e introduziu um padrão legislativo copiado pela maioria dos países europeus, estendendo-se, na atualidade, a todo o mundo. (SANT'ANNA, 2009. P. 51).

Após esta lei, em 1931, na Conferência de Atenas com o amparo da extinta Sociedade das Nações, mais conhecida como Liga das Nações⁴, na qual foram tratadas as Cartas de Atenas entre os anos de 1931 à 1933 que defendiam a salvaguarda dos monumentos e patrimônios históricos e artísticos a partir da

⁴ Liga das Nações ou Sociedade das Nações, órgão internacional criado com objetivo de manter a paz após a primeira guerra mundial. Fundada em 28 de junho de 1919 e extinta em 20 de abril de 1946.

transformação das cidades, que passaram a apresentar um grande número populacional e a sua massiva destruição durante as guerras. A preservação estava centralizada na noção de que o patrimônio era construído pelo senso do belo, como arte.

A partir do início do século XX, muitos foram os fatores históricos e sociais que ampliaram a noção do conceito de patrimônio e que fizeram resgatar o senso de preservação histórica das obras e monumentos artísticos através de demandas jurídicas de proteção e salvaguarda. Entre estes fatores encontram-se as duas grandes guerras na Europa seguidas da criação da ONU, entre outros conflitos sociais.

A própria alteração das sociedades, com as lutas pelos direitos civis, contra o racismo e desigualdade sexual, trouxeram para o contexto patrimonial a importância da diversidade cultural, despertando a valorização não apenas do belo, como um pré-requisito para a preservação do patrimônio material, mas também valorizar o conjunto de bens que representam uma cultura, como os saberes, as práticas culturais e os fazeres. A este conjunto chamamos de patrimônio imaterial.

A fundação da UNESCO nos trouxe, a partir da década de 70, uma campanha de salvaguarda destes patrimônios mundiais, elencando a composição de patrimônio da humanidade nas divisões de monumentos, sítios, monumentos naturais, formações geológicas ou fisiográficas e sítios naturais.

Com o reconhecimento da diversidade humana pelo próprio órgão, a catalogação de sítios patrimoniais está se estendendo a países fora do continente europeu. Segundo Funari (2006, p. 27) a visão de que o patrimônio está ligado às elites européias vem sendo gradativamente deixada de lado, ao ponto que a universalidade do patrimônio vem sendo reconhecida pela UNESCO.

No Brasil, em 1937 surge um organismo de proteção ao patrimônio, hoje conhecido por IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A iniciativa de fundar um organismo federal que fiscalizasse, catalogasse e registrasse e, principalmente protegesse o patrimônio nacional, veio da Lei federal de nº 378 do

governo Getúlio Vargas. Esta lei surge devido ao eco emitido pela Europa que defendia a salvaguarda do patrimônio histórico e artístico.

A organização e formulação do projeto que constituiu o IPHAN ficou ao cargo de Mario de Andrade que tinha como objetivo salvaguardar os bens patrimoniais e posteriormente contou com o auxílio de Rodrigo Melo Franco de Andrade para a implantação do projeto, contando com o apoio de outros modernistas que também discutiam a necessidade de preservar o patrimônio, como por exemplo Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Afonso Arinos, Lúcio Costa e Carlos Drummond de Andrade.

2. Conceito de Patrimônio Material e Patrimônio Imaterial

A construção de definições do que vem a ser patrimônio nacional tornaram-se claras em momentos históricos marcantes. A Revolução Francesa deu este grande passo, a fim de proteger da destruição e rapinagem bens e obras de arte que pertenciam ao clero e à nobreza.

Percebe-se que o conceito de patrimônio ganhou sua importância ao longo dos séculos, apesar de sua expressão estar vinculada à pensamentos políticos, ela tinha como objetivo unificar uma nação, apesar de suas características heterogêneas.

A necessidade de proteção e manutenção de bens e obras que representam a história de uma comunidade ganhou definições mais específicas. As classificações dos bens e obras passaram a ser elencadas em patrimônio material e patrimônio imaterial.

Para SANT'ANNA (2009. p. 50) o conceito de patrimônio material apresenta-se desde o Renascimento, quando tratavam o monumento histórico, referenciando edifícios da Antiguidade Clássica, como exemplos de uma arte que se queria documentar para conhecer e suplantar.

Em meados do século XX a grande preocupação foi com a restauração de monumentos bombardeados entre as guerras e a preservação de monumentos removidos devido ao crescimento das cidades. Quando surgiu, o conceito de patrimônio material girava em torno de bens com atribuição de valor artístico e histórico, bens físicos como monumentos, castelos e edificações seculares. Este conceito ainda existe como definição do que pode ser produzido de forma palpável por uma cultura.

Conforme o órgão do IPHAN⁵, o patrimônio material de nossa sociedade está registrado em quatro livros tomo classificados a partir de sua natureza;

Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. (IPHAN, 2013.)

A criação da UNESCO em 1940 vem refletir sobre o patrimônio trazendo o conceito antropológico de cultura. Conforme Regina Abreu (2009):

A UNESCO representava a proposta de criação de mecanismos capazes de colocar, em relação, várias culturas nacionais. Uma nova questão que tomou vulto naquele momento foi sobre o conceito antropológico de cultura. Contrapondo-se às tendências racistas que haviam desencadeado a guerra que acabara de acontecer, o conceito antropológico de cultura foi apropriado como antídoto aos conflitos entre os povos. (ABREU, 2009. P.36).

A definição de patrimônio cultural incluiu hábitos, costumes, tradições, crenças e toda contribuição material e imaterial de uma sociedade. O conceito antropológico de cultura delimitava que não apenas a história deveria ser preservada, mas as realizações humanas em suas mais diversas expressões. (ABREU, 2009. P.37)

⁵ IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL - <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12297&retorno=paginalphan> – acessado em 06/11/2013.

A cultura vem unificar os conceitos de patrimônio material e patrimônio imaterial, sendo um o complemento do outro. Regina Abreu (ABREU, 2009.p.37) nos aponta, que a cultura congregava bens materiais e imateriais.

O patrimônio material, mesmo físico, apresenta o patrimônio imaterial através de símbolos referenciais de uma cultura, a partir de seu fazer artístico, práticas e expressões, conforme o pensamento de Souza Filho:

Os bens culturais só o são porque guardam uma evocação, representação, lembrança, quer dizer, por mais materiais que sejam, existe neles uma grandeza imaterial que é justamente o que os faz culturais. A razão cultural da obra de arte não está no suporte em nas tintas, mas na imaterialidade complexa deles criada. Uma cas, beleza natural, objeto ou instrumento tem valor cultural não pelo material com o qual estão construídos, mas pelo que evocam, seja um estilo, um processo tecnológico ou um fato histórico.(SOUZA FILHO, 2005, p. 48)

Estas representações e lembranças, Sant'Anna (SANT'ANNA, 2009. p.49) nos diz que:" o universo cultural é essa função memorial que está por trás da noção de monumento em seu sentido original".

A constituição material de um monumento, para Souza Filho, exerce poder na memória coletiva utilizando a emoção e afetividade. Atrás de um monumento existe o fazer artístico, atrelado a imaterialidade;

Há bens culturais cujo suporte dá o significado de sua existência. Como por exemplo, os bens culturais arquitetônicos e em geral as artes plásticas, porque é sobre o suporte ou materialidade que se criam ou desenvolvem estas manifestações da cultura. (SOUZA FILHO, 2005. p.48)

O conceito de patrimônio imaterial surge a nível mundial quando a UNESCO, em 1972, após aprovar a Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural teve uma reivindicação de países do Terceiro Mundo relativo à realização de estudos para a proposição, em nível internacional, de um instrumento de proteção às manifestações populares de valor cultural. (SANT'ANNA, 2009.p.53)

Em meados de 1989, a UNESCO aprova a salvaguarda de cultura tradicional e popular, na constituição brasileira de 1988, com os artigos 215 e 216,

acrescentou-se a noção de patrimônio cultural à existência de bens materiais e imateriais:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Art. 216. Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. (CONSTITUIÇÃO⁶ - BRASIL. 1988)

Com todo o aparato jurídico necessário para a salvaguarda do patrimônio imaterial, apenas em 2000, através do Decreto nº 3.551 de 4 de agosto, ocorre o registro do patrimônio imaterial. Neste decreto é criado o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial instituindo o registro de bens culturais de natureza imaterial.

A ideia de preservar a cultura vem desde o projeto inicial de Mário de Andrade em 1937, que defendia a arte como a “habilidade com que o engenho humano se utiliza da ciência, das coisas e dos fatos.” (SANT’ANNA, 2009.p.54).

O projeto de Mário de Andrade nos apresenta seu pioneirismo quando faz menção ao registro dos aspectos imateriais do patrimônio, afirmando que não apenas os objetos palpáveis da cultura, como artefatos e edificações, mas também a paisagem e o folclore compreendiam um patrimônio a ser salvaguardado.

Por se tratar de manifestações culturais, o patrimônio imaterial não tem como ser tombado de igual forma como o patrimônio material. A forma de preservação destas manifestações culturais é estabelecida através de registros

⁶ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm acessado em 11/11/2013.

desses bens culturais. Como aponta Sant'Anna (2009, p.55), os bens culturais de natureza imaterial são dotados de uma dinâmica de desenvolvimento e transformações que não cabe nesses conceitos de preservação, sendo mais importante, nesses casos, registro e documentação do que intervenção, restauração e conservação.

A forma de documentação utilizada para a preservação destes bens tombados atualmente estão inseridas nos livros de registro de saberes, Livros das Celebrações, Livros das Formas de expressão e no Livro dos Lugares, tendo o seu registro atualizado a cada dez anos. Desta forma, haverá o acompanhamento das transformações sofridas por cada patrimônio tombado e registrado nestes livros.

2.1 A função do monumento como obra artística

Ao longo desta pesquisa a palavra monumento foi muito utilizada para diversas definições: monumento histórico e monumento artístico, monumento/obra, entre outros. No projeto pedagógico, a proposta central foi a criação de um monumento para o parque/ pátio da escola, a partir do estudo dos monumentos que ali se encontram. Mas o que seria um monumento conforme José Francisco Alves, cita a Carta de Veneza de 1964:

...a noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só as grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural. (ALVES, 2004. p.50).

Esta significação cultural compõe o que se estende como elemento imaterial presente a obra. A significação cultural se constitui de todas as formas de

expressões e pelos modos de fazer e criar, além dos modos de viver. Esta significação cultural estaria representada de forma material no monumento.

Nesta afirmação sobre o monumento, podemos compreendê-lo como uma designação dada a algum lugar, objeto que contenha importante significância sobre uma cultura. Popularmente, vemos o sentido da palavra monumento como uma edificação para comemoração de um fato histórico ou uma edificação para homenagear um herói de guerra. A sua função não seria apenas pelo sentido da palavra, mas abarca um sentido social. O monumento estabelece um caráter de memória. Seria uma forma de trazer o passado para dentro do presente para inspirar o futuro, conforme afirma José Francisco Alves, (ALVES, 2004.p. 50).

Os monumentos, no passado, eram tidos como obras artísticas destinadas apenas aos palácios, templos e castelos, um item de coleção de aristocratas, reis e clérigos. Esta condição para o monumento foi estabelecida até meados do século XVI. Alguns séculos mais tarde o monumento atingiu as aspirações da burguesia. Porém no século XIX, o monumento passou de sepulcral e decorativo, para figurativo, ocorrendo neste período, conforme aponta Alves, impulso para erguer monumentos comemorativos, adquirindo dimensões ideológicas,(Alves, 2004, p. 51).

A sua função como objeto artístico vai para além da forma e estética, seja naturalista ou não. Se estabelece em um caráter de lembrança permanente de um fato. É uma forma cultural de se manter viva a conquista de uma batalha, ou a colonização de um lugar, por exemplo. A grande função do monumento está associada a memória, que conforme Jacques Le Goff, é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, (LE GOFF,2008. p. 469).

O monumento constituído para uma determinada cultura representa através de sua constituição material uma significação imaterial através de sua função como memorativo.

3 Olhar o Patrimônio através da significação pessoal

A presente pesquisa centralizou seu tema na significação do patrimônio artístico e cultural como articulador da transmissão de valores culturais, tendo como objetivo principal desta, a busca pela existência de ligação entre o significado imaterial presente na construção da obra⁷ e a atribuição de sentido pessoal do observador.

Esta proposta articulada ao projeto curricular do estágio de docência visou a reflexão sobre a fruição, relacionando a experiência de significar uma obra na sua localização e a possibilidade de construir novos significados sobre a obra, considerando seu local de edificação.

Como foco central, enfatizo a busca em compreender o monumento público como uma obra que tem em si a presença de um conteúdo ou significado imaterial, trazendo na sua composição física, constituição estética e forma, a trajetória cultural e história da comunidade do local aonde a obra se encontra instalada.

Esta abordagem de significação de um monumento público como um objeto que conta não só uma história, mas que também transmite valores culturais, levou à busca pela compreensão dos conceitos de patrimônio material e imaterial. Conceitos estes que foram apresentados em capítulos anteriores, de forma que a composição desta pesquisa se baseou na ideia de educação patrimonial como apoio para significar a importância deste tema como transformador da cidadania. Cidadania esta que se responsabiliza pela preservação destas obras que carregam em si algo de imaterial.

O estar inserido em uma comunidade não é garantia de existir um interesse pela sua cultura ou por suas manifestações artísticas. Conforme Hernandez "...Habitar uma cidade repleta por monumentos e obras públicas não

⁷ Utilizo o termo 'obra' porque neste projeto e pesquisa serão focalizados objetos e monumentos considerados como obra artística.

significa também estar em plena concordância pela existência destas obras.”(HERNANDEZ, 2000,p.84).

Cada obra ou monumento patrimonial possui um significado que transcende sua materialidade – o patrimônio imaterial, sendo testemunho da existência de uma história por trás de sua edificação.

As formas e o valor estético estão intrinsicamente ligados à leitura feita pelo observador. Que ao compreender os significados inseridos na obra, se põe em posição de compreender o legado que foi deixado pelas gerações passadas e o legado que estamos deixando para gerações futuras, através destes patrimônios, que conciliam a multiculturalidade que apresenta nossa cultura, com a história da trajetória de nossa sociedade.

Desta forma, as propostas pedagógicas elaboradas para contemplar esta pesquisa apresentaram um desafio: o de trazer a relação individual da obra com o observador, de forma a ser elaborada uma significação pessoal ao objeto artístico.

Se tratando a educação Patrimonial como um tema vasto e complexo, objetivei esta significação nas obras públicas e dos patrimônios públicos tombados, situados no entorno da escola Estadual de Ensino fundamental Uruguai, na qual o projeto curricular foi introduzido. Devido à grande presença de obras públicas espalhadas pela cidade, o que poderia se tornar um excesso de informação visual para os alunos, construí a significação cultural através do histórico da localidade na qual a escola está inserida, tendo como pano de fundo o Parque Moinhos de Vento e sua história ao longo dos anos. Desde sua formação original como fazenda de trigo, passando a ser sede do Turfe na cidade e recebendo um estádio de futebol para mais tarde vir a se tornar um Parque.

Este histórico será apresentado no capítulo para contextualizar o projeto e a pesquisa. Projeto este, que contou com a participação de duas turmas da sétima série do ensino fundamental, com alunos em faixa etária de 13 a 14 anos.

O tema desta pesquisa surgiu dos incessantes questionamentos que fiz ao longo de minha participação em um projeto de pesquisa voltado à docência,

ligado ao programa PIBID UFRGS/ Capes. Este visava o trabalho pedagógico sobre as obras e monumentos públicos localizados no entorno das escolas participantes, que se situavam no centro de Porto Alegre.

Estes questionamentos que levantei ao longo do projeto, centravam-se na compreensão do momento da fruição, na relação entre a obra e o observador, perguntando se haveria a significação deste objeto como fonte de composição cultural e a sua razão de existir e de ser monumento/obra pública. E como o observador atribui sentido ao monumento e quais diálogos podem ser estabelecidos entre sua cultura, costumes, com o significado já presente na obra.

A partir desta desmistificação, se posso chamar assim, do significado que a obra, sendo objeto material, também carrega como patrimônio imaterial, foi elaborada uma proposta pedagógica que, através da história local, da cultura pessoal, da própria multiculturalidade do grupo e através dos significados atribuídos nestes contextos, pretendeu-se construindo, a partir da experiência criativa e através do fazer artístico, uma significação que realmente seja capaz de traduzir toda a multiculturalidade deste local, focando sempre na cidade como uma galeria a céu aberto.

3.1 O Parque Moinhos de Vento: um pátio para a escola.

Imaginemos por alguns instantes a possibilidade de uma escola ter como pátio um parque para atividades lúdicas e acadêmicas. Imaginemos levar a seus alunos não apenas imagens e histórias sobre um lugar, mas levá-los ao lugar onde a história se passou, estando apenas a alguns passos da sala de aula.

A construção do significado pessoal sobre a obra/monumento público não ocorre apenas na visualização de imagens da mesma e de seus esboços feitos pelo artista. Mas em possibilitar o estar perto da obra, caminhar por ela, ter um percurso, no qual ela pode vir a ser um obstáculo, que lhe faz parar e analisar a sua existência como obra.

A história em torno da escola possibilitou a construção desta significação. Mesmo havendo convivência com a obra, se não existe o interesse ou o estímulo em se conhecer a história do local, a conexão com a obra não ocorre, não havendo significação para a sua existência. A cidade é portadora de espaços que contam a cultura da sociedade, e estes espaços acabam por se perder com a posição errônea de algumas obras causando no observador desdém e esquecimento.

Falar sobre a história do Colégio Uruguai remete falar da história do Parque Moinhos de Vento, conhecido como Parcão. O parque e a escola dividem um comum conjunto de significados históricos, no qual suas edificações se encontram. A escola não está apenas repleta de árvores e tombamentos patrimoniais a sua volta. Ela possui uma galeria de fatos que conectam o objetivo central deste projeto de pesquisa. Há conexão entre a história local e seus monumentos públicos, indicando a significação pessoal sobre o monumento público, como uma obra que emite uma imaterialidade.

Partindo do sentido de patrimônio imaterial, e através da história do seu entorno, este projeto propôs, dentro da pesquisa e do histórico de cada aluno, construir um novo monumento ao Parque Moinhos de Vento, significando através do fazer artístico de uma obra que represente esta história.

Pensar a história através de símbolos nos faz acessar nosso museu imaginário. André Malraux, em seu livro, O Museu Imaginário, discorre sobre a disposição de obras significativas que são capazes de cobrir as falhas da memória. Em outras palavras, possuímos ao nosso redor, bens que são capazes de contar esta história, nossa trajetória através de sua forma e objetivos construtórios. Nossa cidade está repleta destas obras. Atrevo dessa forma chamar a cidade de galeria a céu aberto, porque ela dispõe aos nossos olhos uma coleção particular da nossa cultura.

Um exemplo tácito deste significado através da obra, pode ser observado no próprio título que a obra ou local recebe. Como o caso da denominação Moinhos de Vento. O parque recebe este nome com objetivo de lembrar que naquela região, onde encontramos o seu tracejado, nos meados do século XVIII, através da colonização açoriana, houve a instalação de moinhos de trigo. Conforme BISSON, um mapa de 1836, época da Revolução Farroupilha (1835-1845), mostra a existência de um moinho de vento no morro atualmente chamado de Ricaldone (BISSON, 2009.p.18), porém o nome ficou conhecido pelos moinhos existentes próximo à colina que abriga hoje o prédio da Santa Casa de Misericórdia.

A busca pela história do parque e da escola passou por Antônio José Gonçalves Mostardeiro, que possuía sua propriedade no terreno que conhecemos hoje como parque e escola. Nesta propriedade, além de criação de animais para subsistência, havia um minizoológico. Conta a história que por não ter sido de berço de uma família da elite tradicional, Mostardeiro permitia que as organizações operárias comemorassem o feriado de 1º de maio nas mediações do Bosque Moinhos de Vento, onde hoje se situa o Parque Moinhos de Vento.

Muitas foram as implementações e modernidades introduzidas no bairro, entre elas a instalação de linhas de bonde em 1893, a inauguração do Prado Independência em 1894, e a construção de hidráulica em 1928. O Prado Independência como era conhecido o hipódromo, ganhou destaque na localização em que hoje encontramos o Parque Moinhos de Vento, com o passar do tempo o hipódromo passou a ser chamado de Prado do Moinhos de Vento.

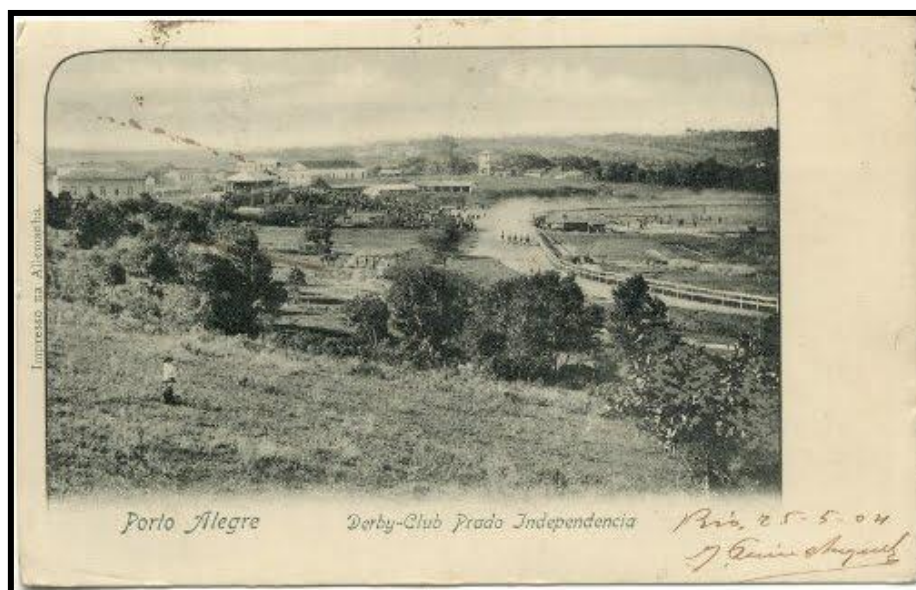


IMAGEM 1

Sociedade Derby Club no Prado Independência - 25.05.1904
<http://lealevalerosa.blogspot.com.br/2010/05/prados-de-porto-alegre.html> – acesso em 20/09/2013

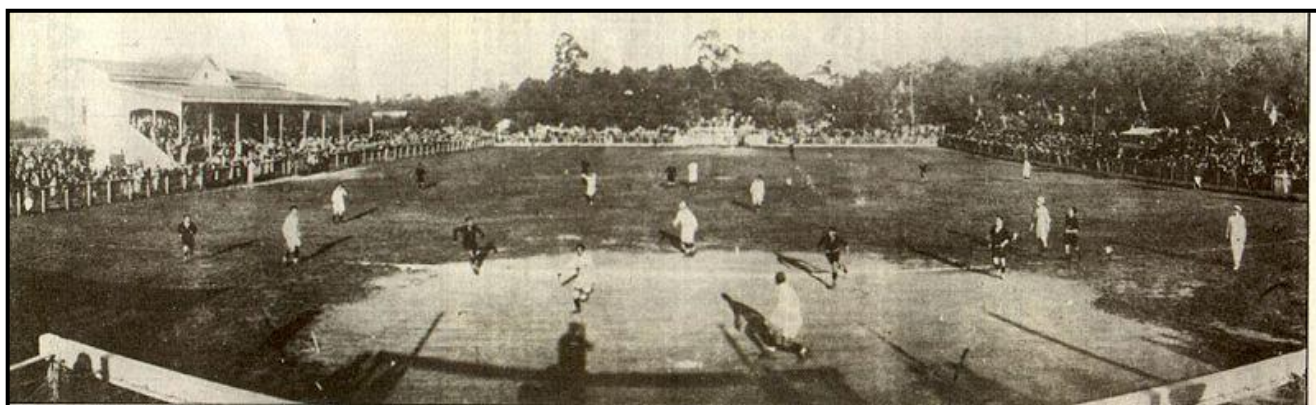


IMAGEM 2

BAIXADA TRICOLOR, Atual Parque Moinhos de Vento, 1930
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Est%C3%A1dio_da_Baixada_-_Moinhos_de_Vento.jpg – acesso em 20/09/2013

Até a data de 1909, o turfe como esporte, possuía grande importância não apenas para a cidade de Porto Alegre, mas para a sociedade brasileira dos meados do século XIX e XX. O surgimento do Turfe não provinha apenas da importância que o cavalo tem para a cultura gauchesca, “dada a sua importância como meio de transporte, lazer e grande atuação na guerra, mas pela grande parceria comercial entre Brasil e Inglaterra, cujos hábitos influenciavam toda a elite.” (BISSON, 2009.p.21)

Muitas foram as transformações ocorridas no Bosque Moinhos de Vento. De todas, a mais significativa para a comunidade escolar, está na transformação do prado em baixada. A imigração alemã no início do século XX, trás à cidade um novo esporte que vai pouco a pouco transformando a paisagem do prado.

Com a transferência do hipódromo para o atual local, o bairro Cristal, imigrantes germânicos fundam o Grêmio Football Porto – Alegrense no centro da cidade em 1903. Com a grande ascensão do esporte no país, o grupo adquiriu um terreno de três hectares no Bosque Moinhos de Vento, local onde hoje repousa o Parque Moinhos de Vento e a escola na qual o projeto foi aplicado.

As obras hoje distribuídas pelo Parque não contam a história de sua transformação. A existência de um moinho no centro do parque representa apenas parte desta história. Com base na significação do local através da história, como conexão para o desenvolvimento de um significado pessoal para obra, foi fundamentando o projeto intitulado de *Meu Monumento, Nosso Patrimônio*.

4 Projeto Pedagógico – Meu Monumento, Nosso Patrimônio

Este capítulo está destinado à apresentação da proposta pedagógica desenvolvida para a construção de significações pessoais sobre o patrimônio que cerca a escola e, por extensão, ao patrimônio histórico e artístico, de maneira geral. Serão relatados momentos nos quais os alunos, instigados através da proposta, construíram uma significação sobre a sua cultura através da experiência pessoal durante o processo de criação artística.

A construção da proposta se deu a partir das observações feitas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Uruguai, durante o primeiro semestre de 2013, no qual acompanhei o trabalho da professora titular. As propostas de ensino estavam voltadas a projetos tecnicistas e geométricos. Havia preocupações com aspectos bem específicos e técnicos, como o respeito a margem da folha e com a estética visual. Os alunos tinham pouco contato com a liberdade expressiva e utilização das próprias experiências na construção de uma obra. As propostas não consideravam o olhar do aluno.

Através da ideia de pensar a cidade como uma galeria a céu aberto, estabeleci uma ligação com o trajeto que os alunos fazem de suas residências até a escola. Os alunos participantes são oriundos de diversos pontos da cidade, o que propiciou uma atividade que intitulei de *caçadores de relíquias*. Esta atividade requeria dos alunos uma atenção e observação do trajeto que fazem todos os dias, buscando por pontos que representem importância cultural, monumentos públicos e patrimônios tombados, ao longo destes trajetos.

Para a sua realização, durante a elaboração do projeto, solicitei para os alunos que descrevessem o trajeto que fazem de suas casas até a escola. Com estes relatos pude selecionar e organizar um mapa com os possíveis monumentos que estes alunos encontrariam em suas caminhadas.

Esta atividade concentrou e exercitou o olhar destes alunos para o que é conhecido como corriqueiro. No livro *A educação do olhar no ensino das artes*, Marly Ribeiro Meira nos diz que natureza e cultura se interconectam, construindo um

universo simbólico que é a própria base da socialidade estrutural, onde estão as células do coletivo humano.

A partir deste pensamento, direcionei o exercício do olhar para o patrimônio público, visualizando o monumento como uma obra que está inserida na paisagem e perde-se pela poluição visual, misturando-se à natureza. O que torna a construção da significação de sua imaterialidade quase que uma tarefa de caçada, buscando desta forma relacionar a sua estética ao local em que se encontra assentado, levando sempre em conta a busca por traços culturais espalhados entre o trajeto de origem dos alunos até a escola.

Esta atividade levou os alunos a questionarem porque, em determinados bairros da cidade, a localização dos monumentos públicos indicados no mapa fora difícil e sem sucesso. Os estudantes constataram como causa desta dificuldade o fato de as obras estarem deterioradas e sem preservação.

Estas observações trazidas por adolescentes, que em seu dia a dia jamais prestariam atenção neste tipo de objetos (os monumentos e obras artísticas) espalhados pela cidade, comprova que a significação destas obras perdem-se pelo descaso, o que remete à importância da abordagem de educação patrimonial no ensino de artes.

Ana Mae Barbosa nos diz em seu livro *Tópicos Utópicos*, que “não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte” (BARBOSA, 1998, p. 16). Precisamos refletir sobre o que um monumento pode representar e também sobre o significado imaterial presente em sua constituição.

A imaterialidade expressa o que somos, onde estamos e como sentimos. Isso envolveu o estudo detalhado de alguns conceitos e uma pesquisa profunda sobre os locais onde se situam determinadas obras. O sítio/local no qual está assentado um monumento público também se torna uma das bases da compreensão deste significado.

Um dos resultados deste trabalho foi a discussão e estudo sobre dois importantes monumentos da cidade: O Laçador, de Antônio Caringi e o Monumento em Homenagem a Castelo Branco de Carlos Tenius, que fora muito lembrado pelos alunos quando indagados de quais monumentos públicos eles se lembravam. Em suas mentes vinham este dois, o primeiro por se tratar de um ícone símbolo da

cidade de Porto Alegre e que transmite a cultura e tradição local, o segundo por estar localizado no entorno da escola.

Esta lembrança imediata nos mostra o quanto a localização e o trabalho da mídia sobre a obra pode vir a representar mais que a sua construção, começando pela sua composição estética de representar o típico gaúcho dos pampas em traje campeiro. A obra de Caringí representa uma cultura valorizada. A significação imaterial que esta obra imortaliza, leva à exploração midiática da obra.



IMAGEM 3

O Laçador, Antônio Caringí. 1954
Escultura, Porto Alegre. RS

Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1tua_do_La%C3%A7ador acesso em 20/07/2013

Porém, a sua localização - o seu sítio - significa não apenas um ponto turístico, mas as portas de entrada da cidade, capital que fez ressurgir esta cultura esquecida, até o presente momento de sua construção, retomando uma identidade. Esta identidade não é apenas difundida pelo monumento, mas pela cultura que o próprio monumento representa.



IMAGEM 4

Carlos Tenius. Monumento à Castelo Branco, 1979.
Escultura, Porto Alegre Parque Moinhos de Vento, RS
Arquivo pessoal

Partindo das observações feitas pelos próprios alunos, construiu-se no projeto pedagógico uma ligação entre as obras de Caringi e de Carlos Tenius, apesar de se tratar de artistas com perfil estético e utilizarem materiais diferenciados, ocorreu a leitura de significados relevantes a difusão cultural relacionados a estética de cada uma das obras, levando ao questionamento sobre qual das duas representaria a cultura através de seus símbolos realísticos, e por quais razões elas se diferenciavam.

A obra de Carlos Tenius localizada no Parque Moinhos de Vento causou grande discussão entre os alunos, que não a compreendiam e nem sabiam significar esta obra, levando-os a questionar a significação de outras obras deste artista em outros pontos da cidade.

Este critério utilizado pelos alunos sobre a relação de significados de uma obra através da estética, mostrou que a construção deste significado pessoal, ou até mesmo a compreensão imaterial de determinadas obras está intimamente ligada à representação realística delas. De acordo com o pensamento manifestado pelos alunos, quanto mais real ou próximo do realismo das formas clássicas, mais significação e leitura da obra será estabelecida.

O caráter estético influencia na construção pessoal das significações. O que venho percebendo ao longo desta pesquisa é que o repertório de imagens, tanto de alunos quanto de professores e do público em geral está associada ao belo, como Greimas cita em seu livro *Da Imperfeição* (2002). Não se trata de um deslumbramento dos olhos, mas da fascinação que o objeto exerce. É através desta fascinação, buscada na lembrança das imagens já consumidas, que ocorre a construção da relação entre significado e difusão de cultura para o observador.

Compreender uma obra, fora dos padrões normalmente utilizados pelos alunos para a leitura da obra, sem forma clássica, destorcida e sem indício do que seria, levou a instigar os alunos a descobrirem o significado oculto em outras obras do mesmo artista, possibilitando a eles a ampliação de seu repertório de imagens, pensando em outras formas de representações artísticas.

Neste novo repertório de imagens, para estabelecer a ligação entre o passado e o presente dos arredores da escola, introduzi o artista Pedro Weingartner com sua obra intitulada O Prado de Porto Alegre, de 1922.

Apresentando o passado do entorno da escola, construí a partir desta obra de Pedro Weingartner, uma linha de tempo através de fotografias que apresentassem momentos diversos da trajetória cultural do bairro Moinhos de Vento.



IMAGEM 5

O prado de Porto Alegre. Pedro Weingartner, 1922. Óleo sobre tela.
Disponível em http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pedro_Weing%C3%A4rtner_-_Prado_de_Porto_Alegre,_1922.jpg acesso em 10/07/2013.

Como os alunos estavam acostumados ao contato com obras em pintura, com suporte de tela e tinta à óleo, introduzi de forma suave, através de imagens que fossem gradativamente trazendo diferentes suportes e materiais para a representação artística.

A obra de Pedro Weingartner vem trazer este fio condutor entre o passado do local estudado - que teve sua cultura representada de forma pictórica -

e com o seu presente, representado de formas artísticas diversas, como a escultura e a própria fotografia. Através da pesquisa dos alunos sobre a história do parque Moinhos de Vento, fui introduzindo fotos datadas dos momentos de transformação deste local.

Desta forma os próprios alunos distinguiram a fotografia como um documento/monumento que conta assim como a pintura, a escultura e o desenho uma história, emanando ou não a diversidade cultural, também vista como imaterialidade da obra.

Neste ponto do projeto, abordei com os alunos a questão do processo de criação que um artista utiliza para a construção de uma obra de arte. Esta discussão acompanhava a atividade que propunha a construção de um novo monumento público para o Parque Moinhos de Vento, objetivando sempre que o processo criativo pode ser construído de diversas formas. Optei por iniciar pela decisão do local no qual a obra seria instalada. Os alunos fizeram uma expedição ao parque, fazendo fotografias e desenhos de observação como registro do local, com objetivo de compreender a cultura local, a natureza e história.

Utilizar o desenho de observação como ponto de partida do processo de criação possibilitou o diálogo entre o espaço a ser trabalhado – em questão o parque Moinhos de Vento – e a obra a ser construída. O diálogo entre estes pontos, espaço e obra, ocasionou questões relativas ao tamanho da obra. Os alunos passaram a questionar se o artista, ao construir/pensar uma obra, já inicia com o tamanho e dimensões pretendidos, ou ele apenas inicia por um objeto menor, como projeto. Estes questionamentos fizeram lembrar-me de uma passagem do livro *Universos da Arte* de Fayga Ostrower, no qual ela diz:

...O artista parte de um plano pictórico – quer seja uma folha de papel, uma tela, uma parede – sempre uma superfície de duas dimensões, altura e largura. Introduzindo nela elementos visuais, linhas, cores, contrastes de claro/escuro, e em seguida elaborando-os, o artista transformará o espaço inicial – que apenas mostrava as dimensões de superfície – num espaço de dimensões mais ricas e diferenciadas e de maiores tensões. Será a imagem de um espaço expressivo que revelará, através de sua forma final, as experiências do artista e a sua visão de vida. (OSTROWER, 1983, p.55)

Esta projeção feita pelo artista no plano pictórico, no caso dos alunos - é o papel utilizado como suporte - exercita a noção de espaço e a relação entre o local e a sua retratação, servindo de estudo para a construção de um novo objeto artístico, que também acaba por se projetar neste suporte. Desta forma o artista/aluno tendo as noções espaciais mínimas para diferenciar a perspectiva do desenho com a perspectiva do local, compreende a formação do processo criativo, no qual o artista aluno, se utiliza tanto da técnica do desenho, como da percepção pessoal do local a ser retratado.

A dificuldade com a liberdade da expressividade artística dos alunos, em desenharem sem regras ou limites no tamanho da folha como suporte, demonstrou o quanto era difícil soltarem o traço e se permitirem criar a partir do seu ponto de vista. A auto crítica em relação ao que é belo, ou um desenho bem feito inibiu alguns dos alunos. Observei, que este tipo de atividade - em criar sem regras de certo ou errado, feio ou belo, sem respeitar os limites de margem - era até então inexistente no contexto do ensino de artes deste grupo de alunos.



IMAGEM 6

Local escolhido pelos alunos para o desenho de observação.
Acervo pessoal. Foto (Aline Zydek Superti)

O objetivo desta atividade estava centralizado no reconhecimento do local, desenhar observando a paisagem, muitos dos alunos preferiram ficar apenas com a fotografia, e alguns deles utilizaram o recorte fotográfico para executarem o desenho de observação.

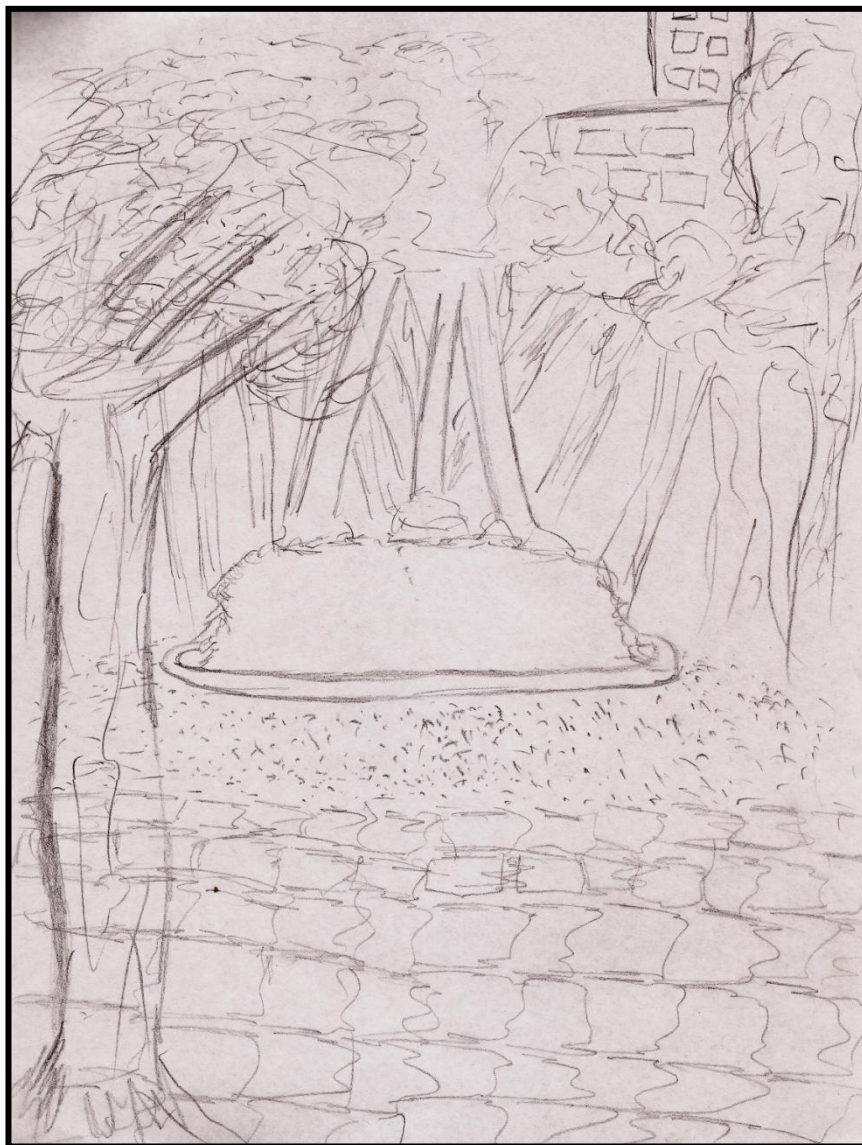


IMAGEM 7

Desenhos de observação de alunos das turmas 72 e 73
Acervo pessoal.



IMAGEM 8 e IMAGEM 9
Desenhos de observação de alunos das turmas 72 e 73
Acervo pessoal.

Ana Mae Barbosa diz que estar apto a produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem são duas habilidades inter-relacionadas. (BARBOSA, 1998, p 17). Estas duas habilidades de leitura e produção refletem a compreensão cultural que cada indivíduo carrega em si.

Estamos inseridos em um mundo visual, no qual símbolos, signos e cores estão visualmente falando ao público. Porém, ao mesmo tempo em que somos alfabetizados, letrados, é deixada de lado a alfabetização visual, o que levaria a compreensão de signos, símbolos nos quais alguns destes, encontramos em monumentos públicos. Sendo alguns destes símbolos utilizados para descrever uma cultura. Na década de 20, Mario de Andrade já relacionava o ensino como alfabetização letrada e alfabetização visual:

... o ensino primário é imprescindível(...) não basta ensinar o analfabeto a ler. É preciso dar-lhe contemporaneamente o elemento em que possa exercer a faculdade que adquiriu. Defender o nosso patrimônio histórico e artístico é alfabetização. (ORÍÁ, 2013._artigo).

O elemento ao qual Mario de Andrade se refere, está na imagem, nos símbolos que ela carrega. Ter um conhecimento visual de diversas culturas (mesmo estando nós em um país multicultural) e signos da mesma, possibilita a leitura da imagem.

Para construir a significação pessoal através das experiências dos próprios alunos, conduzi uma pesquisa de imagens que contassem a história do parque, através do ponto de vista dos próprios alunos. Acredito que para haver uma significação pessoal devemos ter um repertório visual que compreenda as diversas formas de arte. Nestas imagens pesquisadas, ao utilizar fotos do bairro, atuais e antigas e a pintura de Pedro Weingartner, muitos alunos questionaram sobre o cavalo.

Por percepção individual, e ao mesmo tempo coletiva, os alunos relacionaram o cavalo como o grande símbolo do bairro, deixando de lado toda a

significação dada ao moinho. Na concepção deles, os moinhos podiam ser movimentados pelos ventos, mas a venda da farinha obtida era transportada pelo cavalo, sendo de grande importância para o comércio e progresso da região, pelo ponto de vista dos alunos.

Outra significação dada ao cavalo, estava na forma circular do hipódromo e na forma quase circular do parque, levando os alunos a observarem que o cavalo de *quatro patas* deu lugar aos cavalos de *potência* dos veículos que agora percorrem o bairro.

Com esta significação pessoal, os alunos passaram a produzir obras que lembram o cavalo e todos os símbolos em volta dele, como a ferradura, o chimarrão e o campo transformado em estádio. Símbolos que estão inseridos na cultura dos alunos.

Através desta significação, apresentei aos alunos obras/monumentos que tinha o cavalo como símbolo. Como as obras de Vasco Prado e Antonio Caringi, que apresentam a forma tradicional e figuração naturalista do cavalo em contraponto com obras modernas e contemporâneas quase abstratas.



IMAGEM 10

Monumento ao General Bento Gonçalves, Antonio Caringi, de 1935, instalado inicialmente no Parque Farroupilha, hoje se encontra na Av. João Pessoa ao lado da Praça Piratini em Porto Alegre

disponível em: <http://www.vivaocharque.com.br/interativo/artigo24> acesso em 10/07/2013.

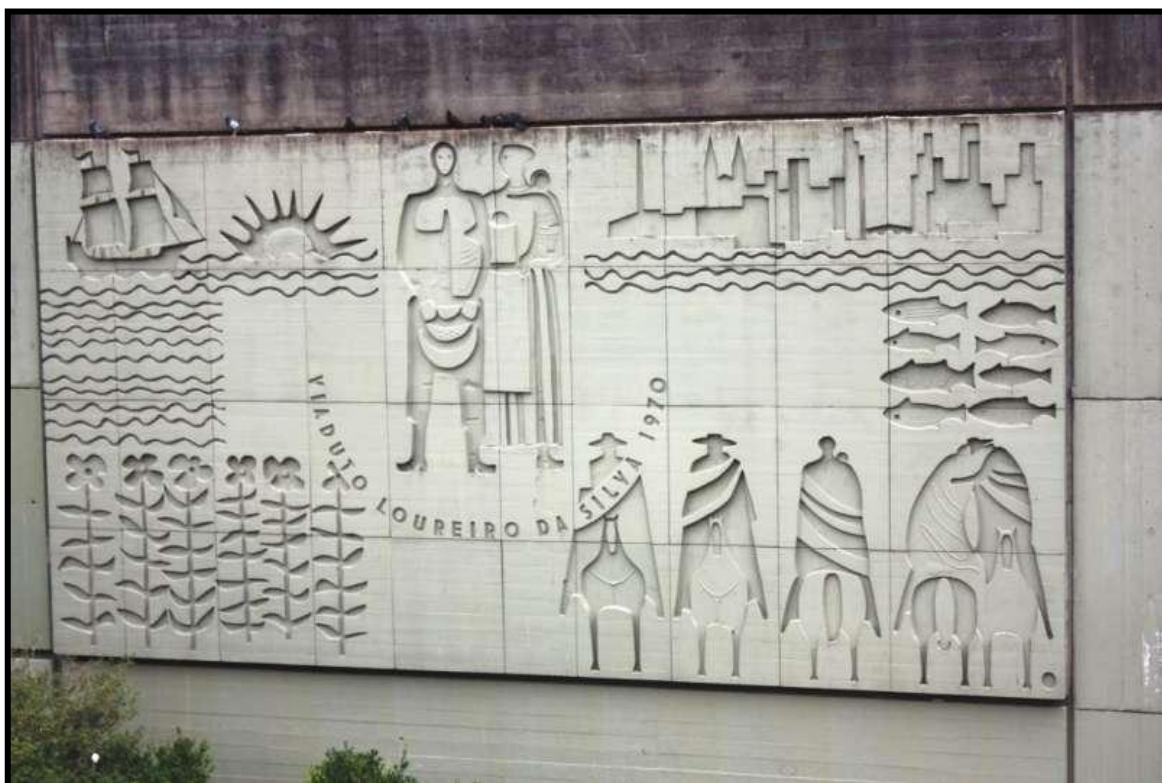


IMAGEM 11

Painel do Viaduto Loureiro da Silva, VASCO PRADO, 1970.

Cavalo de bronze.

Disponível em http://mubevirtual.com.br/pt_br?Dados&area=ver&id=497 acesso em 15/08/2013.



IMAGEM 12

Vasco Prado, s/data. Escultura em bronze.

Disponível em http://www.galeriaartequadros.com.br/site/acervo_detalhe_obra.php?id_obra=830
acesso em 28/09/2013

Durante o processo pelo qual os alunos buscaram significar um patrimônio/obra de forma pessoal, através de suas experiências e lembranças visuais, pude observar a carência de proximidade entre a obra e o observador. Somo educados a pensar que obra de arte está no museu, nunca em um lugar público. Portanto este descaso com a obra pública gera a depredação e vandalismo. E pouco somos instruídos sobre os monumentos, obras que passamos ao lado e não temos o hábito de observar.

Por não sabermos a função do monumento, o deixamos de lado como obra de arte. José Francisco Alves aborda sobre a função do monumento como uma necessidade. O ser humano tem por necessidade manter a memória. Desta forma, a função psicológica de um monumento público é de manter esta memória. Alves cita Yves Pelicier:

[...] está absolutamente ligada à noção de sistema. O homem não pode viver isolado. Ele deve construir redes relacionais. [...]. O monumento pode, aliás, exceder as dimensões de um bairro, isto é, ou são os arredores que se tornam o espaço do bairro, ou, então, o próprio bairro se constitui em monumento[...]O monumento pode tornar-se um valor comum comunal para partilhar uma linguagem, uma ferramenta de comunicação. Mas o que encerra de positivo esta noção de participação pelo monumento pode tornar-se uma verdadeira desvantagem quando o indivíduo não participa do valor intersubjetivo do objeto monumental. (ALVES, 2004. p.51)

No processo de produção de uma obra de arte com finalidades de monumento público, a grande preocupação dos alunos era em tornar sua escultura fiel à história do lugar que escolheram. Se possível fosse, assentar seu monumento público. Os alunos assumiram para si a responsabilidade de construir um monumento com função de manter na memória a história da transformação deste lugar, dando ao símbolo do cavalo a total responsabilidade por esta transformação.

Como proposta de atividade final do projeto pedagógico, lancei um concurso fictício entre os alunos, intitulado Meu Monumento, Nosso patrimônio. Os alunos teriam de construir uma escultura que representasse a história do parque no

entorno da escola. Antes da construção da escultura, os alunos tiveram contato com a história do lugar e contato com artistas gaúchos responsáveis por alguns monumentos públicos que estão pela cidade e pelo parque. Seguindo a atividade anterior, os alunos buscaram significar em imagem toda a história.

No desenvolvimento desta atividade os alunos seguiriam os passos de um artista. Fariam esboços e desenhos da forma idealizada de suas esculturas. Nestes esboços a forma e estilo estético da obra seriam estabelecidos. O critério da significação da história a ser representada pela obra a ser construída seria estabelecida a partir de suas vivências e cultura pessoal.

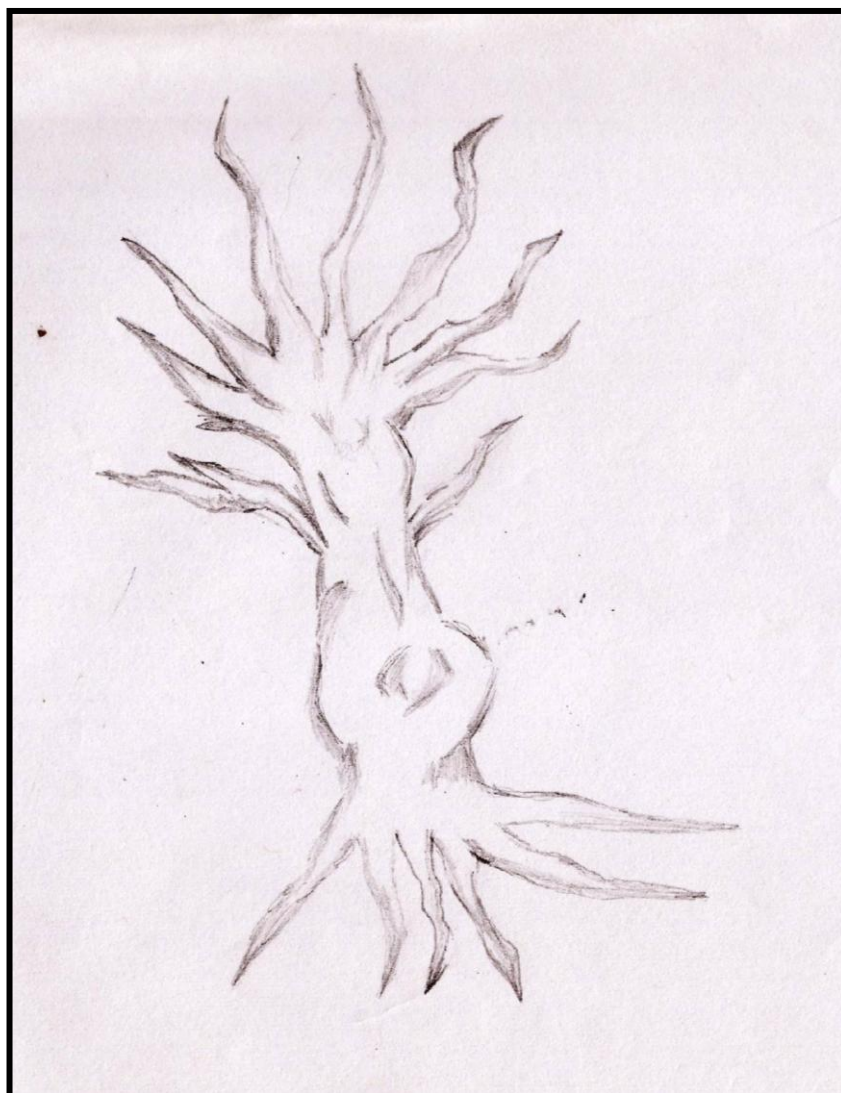


IMAGEM 13

Desenho dos projetos desenvolvidos pelos alunos
Acervo pessoal.

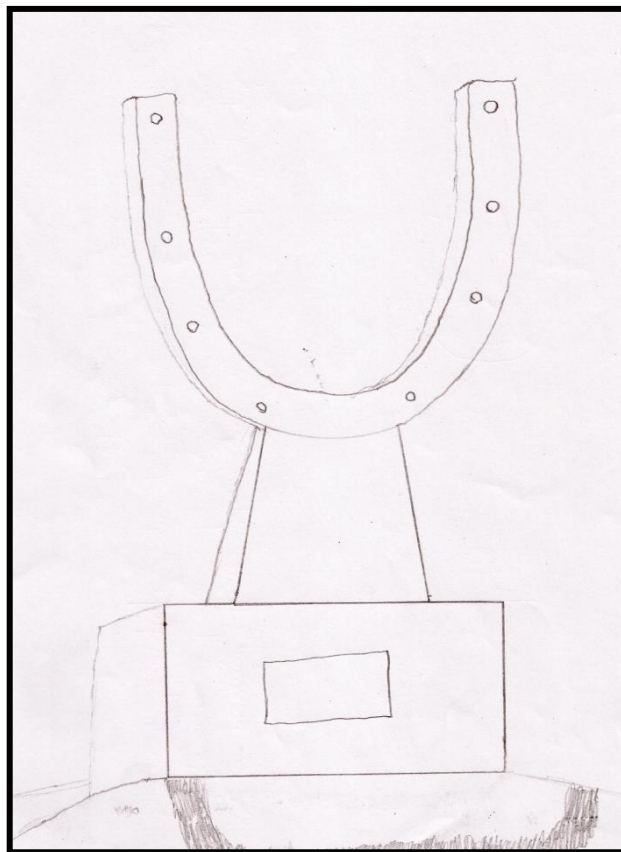


IMAGEM 13 e IMAGEM 14

Desenho dos projetos desenvolvidos pelos alunos Acervo pessoal.

Para a construção do objeto artístico os alunos usariam a técnica de papel machê⁸. Nesta proposta os alunos aprenderam a produzir o papel machê para a construção da escultura, que teria um esqueleto de papel jornal trançado em fita crepe. Para esta atividade os alunos utilizaram um tempo maior do que o esperado, sendo utilizadas 10 horas/aulas para a confecção e finalização da escultura.



IMAGEM 15 E IMAGEM 16

Alunas desenvolvendo o esqueleto de seus projetos Acervo pessoal.

⁸ Papel Machê palavra de origem francesa que significa papel picado, este papel picado é dissolvido em água aonde adquiriu consistência de polpa, sendo depois coado e misturado a cola ou goma e gesso. Sua aplicação é muito encontrada em confecção de máscaras e artesanatos.

No decorrer desta atividade, os alunos tiveram contato com a construção de uma escultura partindo de um esqueleto. Para tal construção os esboços acabaram sendo muitas vezes alterados, pois os alunos tentavam construir de forma figurativa suas obras. A partir da apresentação de obras de Vasco Prado, os alunos compreenderam que a atividade não era fechada, a escultura não teria que seguir as linhas do desenho, e que eles deveriam aprender a contornar os obstáculos impostos por eles mesmos, pois o esboço partiu de uma apropriação pessoal de significados.



IMAGEM 17 E IMAGEM 18

Alunas desenvolvendo o esqueleto de seus projetos Acervo pessoal.



IMAGEM 19 E IMAGEM 20

Alunos desenvolvendo a segunda etapa do projeto, acrescentando o papel machê, o gesso e finalizando a obra. Acervo pessoal

Com a finalização da obra, foi solicitado aos alunos que defendessem a colocação de seu *Monumento* no local indicado, substituindo a obra de Carlos Tenius. A decisão em retirar - de forma fictícia - o monumento a castelo branco de Carlos Tenius, ficou a cargo dos alunos, estes durante as suas pesquisas sobre a transformação do bairro, descobriram que esta obra não tinha um lugar exato para ser colocada sendo decidido sem consulta popular, pela prefeitura, em assentá-la neste parque devido ao espaço disponível.

Nestas defesas os alunos utilizaram como motivo principal para que suas obras, em particular, ocupassem o espaço em que hoje se encontra o Monumento a Castelo Branco, o fato desta obra, no ponto de vista dos alunos, não estar causando nenhuma conexão entre o histórico do parque e a sua transformação como bairro.

A conclusão a que os alunos chegaram é de que não existe um consenso cultural na instalação e distribuição de obras nos espaços públicos da cidade. Na opinião dos alunos a instalação de obras em determinados espaços não obedece à cultura da comunidade à sua volta, a obra não representa de forma artística a história do seu entorno. Para os alunos, esta distribuição não representa uma significação.

Devido ao sistema de ensino estar ainda baseado na condição de que obra de arte está no museu, esta compreensão deles sobre a obra, dificulta a construção da significação pessoal sobre o objeto artístico. Vale lembrar que a cidade se constitui em uma galeria a céu aberto, de forma que a obra de arte passa a ocupar espaço no cotidiano cultural e social, a fim de tornar a obra acessível a todos e de forma democrática utilizando os espaços públicos como acolhedores destas obras.

Todas as atividades propostas foram articuladas com a noção da educação patrimonial, estabelecendo a ligação da importância da significação pessoal sobre a cultura através da prática artística. No desenvolvimento das atividades, a utilização de imagens que decodificassem o sentido de material e imaterial, foram de grande importância para a construção de significados. O conceito

de monumento e sua função como memorial de uma cultura ou fato histórico foram estabelecidos através da articulação entre imagem e saberes.

A ligação afetiva com a obra também foi estabelecida pelo critério de apropriação, pelo qual os alunos relacionaram monumentos que eles admiram para construir a sua própria escultura. Alguns alunos apropriaram-se da linguagem e estética visual de determinados artistas. O mais lembrado foi a estética de Vasco Prado. Na presente construção alguns alunos acreditavam que uma obra para os dias atuais não deveria seguir os padrões estéticos das obras do século passado. Na tentativa de encontrarem uma nova estética visual acabaram por tornar semelhante as obras modernistas de Vasco Prado, por se tratar de uma estética modernista, figurativa, porém quase chegando a abstração.

O presente relato desta experiência docente apresentou a construção da significação de um monumento público através da experiência pessoal. No que tange à experiência pessoal, os alunos tiveram a possibilidade de construir um pensamento em torno de sua cultura e seu legado familiar, valorizando estas experiências como fonte de inspiração para a construção pessoal do que vem a ser o significado de pertencimento.

O contato visual e o repertório de imagens influenciam o processo de significação da obra. O grande desafio foi reconstruir este repertório visual, fazendo os alunos pesquisarem e relembrem práticas e costumes de sua história pessoal.

Através do contato com a história de um lugar de seu cotidiano, os alunos puderam relacionar a sua história pessoal, trazendo para a sala de aula experiências como práticas de capoeira, que a aluna praticante tinha vergonha de contar por achar que esta seria uma prática ainda discriminada pela sociedade, sendo julgado como uma prática violenta. Outro aluno, descendente de alemães que relacionou a forma de bater a polpa do papel machê com a cola e o gesso, com a prática de fazer pão de sua avó, passando a imitá-la, pois a técnica de bater o pão, na recordação pessoal do aluno, era muito eficiente para que a polpa do papel ficasse bem lisa.

Muitas foram as aproximações de experiência e memória. O exercício da lembrança em torno de suas próprias experiências ilustrou a construção da

significação pessoal. Muitos alunos consideraram esta atividade em especial, difícil, pois representar uma cultura que pertence ao seu grupo social era mais complicado que representar uma cultura que não os representasse. Pois havia o receio pelo julgamento entre a forma da escultura apresentada e sua simbologia.

O último momento da atividade marcou a apresentação e representação visual através de fotografias das obras produzidas. A apresentação foi diferenciada em cada turma. Em uma turma, os alunos optaram por fotografar suas obras como se estivessem em um estúdio fotográfico, com fundo branco e iluminação. Na outra turma o grupo preferiu apresentar e fotografar suas obras introduzidas no local onde ficarão: o parque. Como não era permitido levar as obras até o parque, os alunos fotografaram suas esculturas em torno da paisagem da escola, que está inserida na paisagem do parque.



Imagem 21 e imagem 22

Finalização das esculturas em papel machê. Acervo pessoal (foto Aline Zydek Superti)

Acredito que todos os pontos que a proposta tinha como objetivo foram alcançados. A partir das experiências pessoais dos alunos e do olhar pessoal sobre as obras/monumentos artísticos, eles conseguiram estabelecer uma significação pessoal sobre sua própria cultura. Além de construírem um sentimento de pertencimento ao local estudado, eles estabeleceram o exercício de cidadania com a construção de um monumento que representasse a história local do entorno da escola.



IMAGEM 23 e imagem 24

Finalização das esculturas em papel machê. Acervo pessoal (foto Aline Zydek Superti)

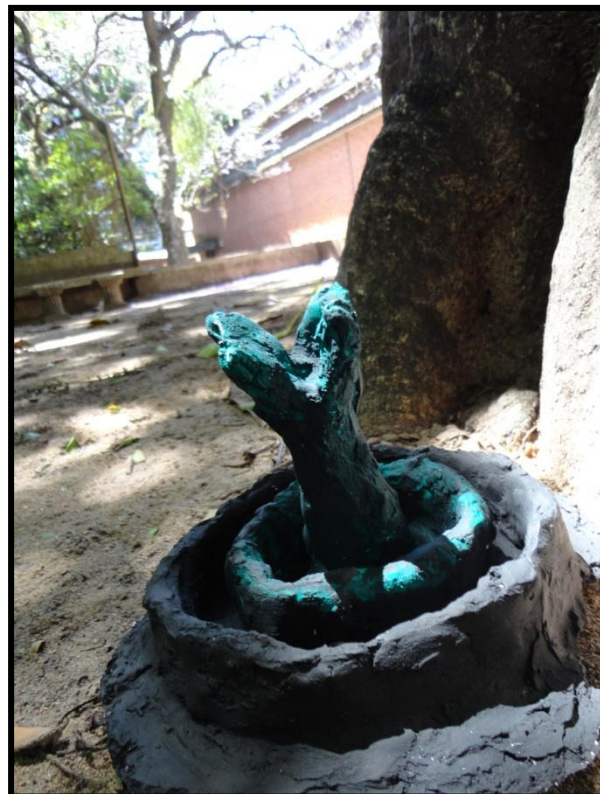


IMAGEM 25 e IMAGEM 26

Finalização das esculturas em papel machê. Acervo pessoal (foto Aline Zydek Superti)



IMAGEM 27 e IMAGEM28

Finalização das esculturas em papel machê. Acervo pessoal (foto Aline Zydek Superti)

Considerações Finais

Construir uma significação para o patrimônio artístico através da experiência pessoal, em conjunto com os estudantes, no projeto de estágio de docência, foi uma tarefa árdua. Primeiro, porque só podemos construir algo a partir da composição de estruturas de conhecimento prévio necessário, como repertório e alfabetização visual, para a transformação de uma ideia em objeto. Segundo, porque significar através da experiência pessoal, requer a existência de memória em torno da cultura, individual ou coletiva. A proposição desta pesquisa estava centrada na educação patrimonial como formadora tanto da cidadania, quanto formadora desta memória cultural.

Com base em produções bibliográficas sobre educação patrimonial e referenciais teóricos sobre o Patrimônio Histórico e Artístico, estruturei um projeto pedagógico aplicado na experiência docente do estágio curricular. Nesta pesquisa busquei refletir sobre a valorização da experiência pessoal como motivadora e influenciadora da construção de sentido para a existência de um monumento artístico.

Por termos uma educação mais voltada ao depósito de informações, a grande dificuldade que encontrei foi de incentivar os alunos a construir um repertório visual próprio. O ensino de artes nas escolas, geralmente é visto como um momento de recreação e de distribuição de tarefas mecânicas, sendo que a proposta que levei à escola objetivava a construção de um repertório visual artístico com a finalidade de construir uma escultura que representasse a história local. De forma que o aluno tivesse condições de sozinho significar e compreender como pertencendo a si o patrimônio artístico e cultural coletivo, criando um sentimento de pertencimento social através da sua trajetória pessoal. A constituição de nossa cultura apresenta uma diversidade cultural, sendo os signos dessa memória pouco explorados pela educação.

Mario de Andrade já dizia que arte equivalia à cultura, e que era a habilidade com que o engenho humano se utiliza da ciência, das coisas e dos fatos.(ANDRADE, imput. SANT'ANNA, 2009. p.54). Este pensamento norteou minha pesquisa em educação patrimonial num amplo sentido. A busca por uma definição do que vem a ser a educação patrimonial esbarrou na necessidade de experiências que contribuíssem para a compreensão do conceito baseado na pluralidade de nossas raízes.

A abordagem destes conceitos teve que ser apoiada na história, através do suporte da imagem, contemplando o objetivo da proposta pedagógica, que se situou mais intensamente no entorno da escola, que possui um parque como pátio. A valorização da experiência pessoal, da diversidade cultural, a construção da crítica através da liberdade expressiva e criativa do aluno, foram as principais proposições do projeto. Procurei nesta reflexão, articular estas experiências pessoais dos alunos com a teoria em torno do tema proposto.

A pesquisa patrimonial levou ao encontro de um universo de informações, teorias e conceitos sobre o tema. O que tornou a simplificação e a objetivação da proposta pedagógica uma das dificuldades do projeto. O receio em deixar uma informação importante sem ser trabalhada causou o desconforto durante o processo, porém trouxe um aprendizado sobre a didática em sala de aula.

Em determinados momentos entre o trabalho com a teoria e a prática, a pouca informação instigou a investigação dos alunos, o que resultou em muitos questionamentos sobre a preservação de obras/monumentos públicos e suas localizações pela cidade. A ideia de que obra de arte está apenas nos museus se perdeu, conforme os alunos foram conhecendo as obras espalhadas pela cidade, passando a visualizar a cidade como uma galeria a céu aberto. Foi possível perceberem a importância da preservação como uma forma de manutenção da cultura.

Acredito que os objetivos da proposta tenham sido alcançados. A fundamentação teórica da pesquisa sobre o projeto pedagógico contribuiu para a construção de significados sobre a experiência pessoal. O projeto aplicado no

estágio curricular buscou articular conceitos com a prática, de forma que cada aluno pudesse construir a significação sobre a razão da existência de obras artísticas públicas. Sendo que esta significação não possui uma resposta fechada, por depender da experiência pessoal do observador.

Finalizo este trabalho com a certeza de que após esta pesquisa, passo a perceber a educação patrimonial como uma importante formadora da cidadania em prol da valorização da multiculturalidade, e que através dos temas transversais que os seus conceitos carregam, é possível contribuir para a construção do sentimento de pertencimento cultural no aluno.

Acredito que como pesquisa, este tema possui uma inesgotável fonte de referências teóricas e estudos específicos sobre a educação patrimonial no ensino, e que neste projeto em particular ela centrou-se de forma simplificada e objetiva a fim de alicerçar em conceitos e teorias a prática pedagógica em torno do tema. Que esta pesquisa contribua para a reflexão de quem quiser trabalhar com a educação patrimonial no ensino de artes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. A emergência do patrimônio genético e a nova configuração do campo do patrimônio. in: Abreu, Regina et Al Chagas, Mário. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. Pg. 34-48.

ALMEIDA, José Francisco Alves. *A escultura pública de Porto Alegre: História, contexto e significados*. Porto Alegre: Artfólio, 2004. 262p.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BISSON, Carlos Augusto. *Moinhos de Vento: história de um bairro de Porto Alegre*. 2ª ed. rev...Porto Alegre: Editora da Cidade,; Secretaria Municipal da Cultura,; IEL, 2009

BRASIL, Luiz Antonio de Assis [et.al]. *Antonio Caringi: O Escultor dos Pampas*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 116p.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. *Educação patrimonial: experiências*. In: BARRETO, Euder Arrais et. al. *Patrimônio Cultural e Educação: artigos e resultados*. __Goiania,2008.

Disponível em <<http://educacaopatrimonial.files.wordpress.com/2010/08/patrimonio-cultural-e-educacao-patrimonial1.pdf>>. – Acessado em 08/11/2013.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu.in. PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da Imperfeição*. São Paulo – hacker Editores, 2002

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed. 2000.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. *Fundamentos da educação patrimonial*. - Revista Ciência&letras. – Porto Alegre, nº 27. Ano 2000. p. 25-35.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. et. al. *Memória, Patrimônio e Identidade*. Boletim 04 Abril ,2005. Ministério da Educação. Disponível em < <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/145632MemoriaPatrilident.pdf> > acessado em 20/07/2013.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão...[et al.]. 5ª ed. Campinas, SP:Editora da UNICAMP, 2003.

LEMOS, Carlos A.C., *o que é patrimônio histórico*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MALRAUX, André, 1901-1976. *O museu imaginário* – reimp. (Arte&comunicação; 70). Editora Edições 70, LDA. Portugal. 2011.

MEIRA, Marly Ribeiro. *A educação estética, arte e cultura do cotidiano*. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999. Pg. 121-140.

OLIVEIRA, Cléo Alves Pinto de. *Educação Patrimonial no IPHAN*. - ENAP – Escola Nacional de Administração Pública – Brasília, 2011. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1766>> Acesso em 11 de junho de 2013.

ORIÁ, Ricardo. *Educação Patrimonial: conhecer para preservar*. Disponível em <<http://www.aprendebrasil.com.br/articulistas/articulista0003.asp>> acessado em 06/11/2013.

OSTROWER, Fayga Perla. *Universos da Arte*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Campus. 1983.

RGS. *Lições do Rio Grande*. Referencial Curricular – Linguagens Códigos e suas Tecnologias Artes/ Volume II. 2009.

SANT'ANNA, Márcia. *A Face Imaterial do Patrimônio Cultural: Os novos Instrumentos de reconhecimento e valorização*.in: Abreu, Regina et Al Chagas, Mário. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. Pg. 49-57

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. *Bens culturais e sua proteção jurídica*. 3ª edição. Curitiba: Juruá, 2005.

Sites:

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<http://portal.iphan.gov.br/> - acessado em 20/05/2013